Os Segredos
do
Filho de Deus

Editora
YOLBOOK

ISRAEL FOGUEL

Os Segredos do Filho de Deus

2ª Edição

São Paulo
Edição do Autor
2018

Copyright by Israel Foguel
2ª Edição
Produção editorial e revisão: Israel Foguel
Capa e diagramação: Israel Foguel

Registro na Fundação Biblioteca Nacional
Decreto nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F656s Foguel, Israel, 1954 -

Os Segredos do Filho de Deus / Israel Foguel. São Paulo: Editora Yolbook, 2018

276p.: 14,8cm x 21cm. il.

ISBN n. 978-85-92051-20-4

1.História. 2.Cristianismo. I.Título.

CDD - 270 CDU 27

Índice para catálogo sistemático:
1- Religião :História

Todos os direitos desta edição reservados a Israel Foguel
Rua D. Pedro II, 1624 – Centro – Pirassununga/ SP – Brasil – CEP 13630-138 Telefone (19) 9.9745.4131
E-mail: israel.foguel@gmail.com

Dedicatória

A meus familiares (Esposa, filhos, nora, genro e netos);

A todos aqueles que creem na
Graça de Nosso Senhor Salvador Jesus Cristo,
No Amor de Deus Pai e na
Comunhão do Espírito Santo;

E a todos aqueles que buscam em Deus
A solução de seus problemas,
Colocando em suas mãos o seu destino!

Introdução

Este livro tem o objetivo de trazer aos seus leitores a vida sequencial do grande filho da promessa, Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Os relatos a seguir foram baseados em anos e anos de pesquisas, leituras, estudos bíblicos, troca de experiências, análises e pesquisas... muitas pesquisas e surpresas. Também lemos e pesquisamos informações contidas em documentos de um projeto iniciado em 30 de Março de 1973, pelos Estados Unidos da América por dois pilotos da Força Aérea Norte Americana.

A surpresa maior em nossas pesquisas foi a omissão dos evangelistas na grandeza de ações e milagres de Jesus. Por que foram omitidas tantas informações! Por que foram criados e esquecidos tantos dados sobre a realeza e a divindade de Jesus! Por que transformaram Maria, mãe carnal de Jesus, em uma virgem perpetua! Por que omitiram a vida de Jesus como homem, com erros e acertos, até que recebesse o chamado final de seu Pai Celeste!

E sua mensagem era tão simples: ***Que vos pede o Senhor? Unicamente que sejais justos, ameis a misericórdia e caminheis humildemente para Ele.***

Muitas pessoas, após a leitura poderão perguntar: Mas é verdade? Tudo isto é verdade? Tais documentos existem. Em suma é o coração do leitor que deve sentir se estas narrações acerca de Jesus são ou não verdadeiras. Que cada qual, portanto, no mais íntimo do seu ser, julgue e decida de acordo com os ditames da sua consciência, pois essa nunca se engana. E é baseado nestas informações e indagações que resolvemos trazer a público os "**Os Segredos do Filho de Deus**".

"Eu acreditava não ter nada, porém, ao descobrir a esperança, compreendi que tinha tudo."

- Israel Foguel

O Inicio

Joaquim e Ana eram descendentes do rei David. Ambos eram pessoas reconhecidamente de boa índole e eram conhecidos pela compaixão, humildade e generosidade. Joaquim e Ana atingiram uma idade muito avançada, mas não tinham filhos. Este fato entristecia-os. Mas apesar da idade, eles continuavam a orar incessantemente e a pedir a Deus para que Ele lhes concedesse um filho.

Naquele tempo não ter filhos era considerado um castigo divino pelos pecados cometidos. Joaquim em particular sofria muito com a falta de filhos. Pela paciência e fé Deus deu a Joaquim e Ana uma grande alegria: finalmente conceberam uma filha e a Ela foi dado o nome de Maria.

Maria, seus pais e outras companheiras estudavam as leis de Deus e executavam trabalhos manuais, rezavam e liam as Escrituras Sagradas desenvolvendo em si uma profunda compaixão, em tudo entregue à vontade de Deus. Maria era imensamente modesta e dedicada em seus esforços.

Joaquim, Ana e a menina Maria moravam em Nazaré, uma cidade da província da Galileia, no norte da Palestina. Necessitando ampliar sua casa, Joaquim contratou os serviços de um jovem de nome José.

E foi como carpinteiro e pedreiro, trabalhando na ampliação da casa dos pais da então menina Maria, é que aconteceu um encontro que mudaria o futuro da humanidade. Durante a ampliação da casa dos pais de Maria, esta veio a conhecer José. A adolescente, que tinha onze anos de idade, foi levar água a José. Era a primeira vez que se viam. E surgiu deste encontro uma atração mútua.

Quem era José? José era um homem de maneiras dóceis. Moreno. Olhos negros. Forte e trabalhador incansável. Os seus antepassados (pai, avô e bisavô) foram carpinteiros, construtores, pedreiros e ferreiros. No princípio dedicava-se à carpintaria de obra. Depois entrou nos negócios da construção. Pensava muito e falava pouco. Era extremamente fiel aos costumes e práticas religiosas de seu povo. A dolorosa situação de Israel, sob o jugo estrangeiro, preocupava-o. A sua família era numerosa: oito irmãos e irmãs. Quando Maria o conheceu era alegre.

E sobre os antecedentes de José? Tudo partia de um antepassado de José – por parte do avô paterno – que foi adotado por um tal de Zadoc, o qual, esse sim, era descendente direto de David. Este antepassado de José, órfão, foi acolhido por Zadoc. A partir de então (sexta geração antes de José), os sucessores receberam o falso título de nascidos ou pertencentes à casa de David.

A verdadeira descendente direta do rei David era Maria. A sua linhagem perdia-se na mais antiga nobreza, tendo entre os seus antepassados mais remotos representantes de hititas, sírios, egípcios, fenícios e, até, gregos. Poucas mulheres judias daquele tempo tinham no seu sangue uma mistura tão nobre de raças.

Maria era uma mulher hebreia inteligente, mas, como qualquer ser humano, com defeitos e limitações. Era uma mulher alegre. Não se deixava vencer pelo desânimo. Com uma força vital invejável e uma liberdade mental que a obrigavam a exprimir os seus sentimentos e as suas opiniões aberta e claramente. Sem rodeios, sem hipocrisia.

Ao contrário de José, Maria tinha nos genes aquilo a que hoje chamaríamos sentido liberal da vida. A sua filosofia era esta: respeitar todas as convicções e credos. Mas também era teimosa e obstinada.

As duas famílias – a de José e a de Maria -, além de gozar de uma posição econômica desafogada, podiam ser consideradas famílias cultas, tendo em conta o baixo nível da população em geral.

Naquele tempo os costumes dos judeus eram muito diferentes dos de hoje. A partir dos doze anos e meio, coincidindo com a primeira menstruação, a menina adquiria a condição de mulher, podendo passar através do casamento, da tutela do pai para a do esposo.

Os esponsais, que era uma etapa que na atualidade poderíamos traduzir por noivado, prolongavam-se durante dois anos. No direito judaico, o matrimônio constava de dois momentos ou fases bem distintas e intimamente ligadas: os esponsais e o casamento ou bodas.

Quando os jovens decidiam unir-se para toda a vida entravam no primeiro estágio. Na realidade, já eram considerados como esposos; no entanto, a união definitiva, tal como determina o Deuteronômio, só se dava quando o noivo tomava a esposa de sua casa. Apesar disso, os esponsais não podiam ser vistos como um simples noivado. Levavam em si mesmos o

selo de um autêntico contrato matrimonial. Até ao ponto de uma mulher que fosse surpreendida em adultério estando no período dos esponsais ser repudiada e executada. Parece que era um costume tolerado, embora mal visto, os esposos terem relações sexuais, como marido e mulher, antes das núpcias propriamente ditas. Estas tinham lugar quando a noiva ou esposa era levada para a casa do marido. As festas chegavam há durar sete dias, às vezes mais.

Maria e José iniciaram desta forma o primeiro estágio – esponsais. Quando José fez vinte e um ano, a segunda fase do ritual hebraico, o casamento propriamente dito, foi celebrada com todas as honras e, como mandava a tradição, na casa de Maria.

O contrato foi assinado numa quarta-feira em meados do mês de Março do ano menos oito da nossa Era. Como dote, Joaquim, o pai da noiva recebeu o estipulado pela Lei (cinquenta siclos de prata) e a totalidade dos móveis da nova casa dos recém-casados. Ao contrário do que acontece nos nossos dias, não era o pai da prometida que arcava com o dote. Era ele quem o recebia do noivo ou do pai deste. Portanto, Maria tinha treze anos quando entrou na casa do esposo e este, vinte e um.

E assim, Maria e José iniciaram sua vida de casados em uma modesta casa. Maria sentia prazer em morar em sua casa nova de Nazaré, construída por José e seus irmãos, no sopé dos cerros que dominavam a comarca do Tabor e de Nain.

As núpcias ou bodas de José e Maria aconteceram no mês de Março do ano setecentos e quarenta e seis do calendário romano, no ano menos oito de nossa era.

O nascimento do Messias

Casados, Maria e José viviam em uma casa simples, mas cheia de amor. Numa tarde, em meados do oitavo mês, em pleno mês de Novembro, Maria se encontrava na casa de Nazaré, ocupada nas tarefas da casa. José não tardaria a chegar.

De repente, ao lado de uma mesa baixa de pedra, Maria viu o que chamou de anjo. Era um jovem muito bonito. Com luz em toda a sua volta. Disse que se chamava Gabriel. Gabriel usou estas palavras:

"Venho mandado por Aquele que é o meu Mestre, a quem deverás amar e manter. A ti, Maria, trago boas notícias, já que te anuncio que a tua concepção foi ordenada pelo céu. A seu devido tempo serás mãe de um filho, a quem porás o nome de Yehosua (Jesus ou "Javé salva") e que instaurará o reino dos céus na Terra e entre os homens. Disto, fala só a José e a Isabel, tua parente, a quem também apareci e que em breve dará à luz um menino que se chamará João. Isabel prepara o caminho para a mensagem de libertação que o teu filho proclamará com força e profunda convicção, aos homens. Não duvides das minhas palavras, Maria dado que esta casa foi escolhida para morada terrena deste Menino do Destino. Recebe a minha bênção. O poder do Altíssimo sustentar-te-á. O Senhor de toda a Terra estenderá sobre ti a sua proteção".

Este mesmo anjo apresentou-se a Isabel nos últimos dias do mês de junho desse mesmo ano menos oito. Isto é, na altura em que o enviado celeste apareceu pela segunda vez a Maria, Isabel estava grávida de cinco meses. João nasceria a 25 de março do ano seguinte: menos sete.

Maria estava casada com José e naturalmente também mantinham relações conjugais normais. Maria se manteve firme na concepção não humana do seu primogênito. Quem melhor do que ela para saber se Jesus tinha sido fruto ou não da sua união matrimonial com José? E qual foi a reação de José? Primeiro Maria esperou. Que poderia ser? Tinha de se certificar de que a visão do anjo não fora um sonho mau ou qualquer coisa parecida. Poucas semanas depois, quando já tinha a certeza de sua maternidade, falou com ele.

José sempre teve grande confiança em Maria. Mas como era de esperar, sentiu-se mal. Não conseguiu dormir durante vários dias. Mas nunca a acusou de nada impuro. Duvidou, é claro, da história de Gabriel. No entanto, pouco a pouco, acreditou em suas palavras. Surgiram então outros problemas.

Para José, o mais difícil não era Maria ter visto ou ouvido um mensageiro dos céus, ou mesmo que o Altíssimo operasse nela semelhante

milagre. O que o transtornou foi o fato de um menino nascido de uma família humana ter um destino divino. No entanto, depois de refletir e, sobretudo, depois do seu sonho, mudou e aceitou os fatos.

Numa noite José acordou sobressaltado. E contou que um mensageiro brilhante lhe tinha dito o seguinte:

"José, apareço-te por ordem Daquele que agora reina nos céus. Recebi o encargo para te dar instruções sobre o filho que Maria vai ter e que será uma grande luz neste mundo. Nele estará a vida e a sua vida será a luz da Humanidade. De momento irá para o seu povo. Mas este o aceitará com dificuldade. A todos os que o acolherem ele revelará que são filhos de Deus".

Depois desta experiência dramática, José deixou de duvidar.

As reações das famílias de José e de Maria em relação ao nascimento do menino do destino, como fora chamado por Gabriel, pôs em evidência a grave confusão que se criou entre aquelas pessoas acerca do verdadeiro papel que viria a desempenhar o Mestre.

Os dois irmãos, as duas irmãs e toda a família de Maria receberam a notícia com ceticismo. Ninguém acreditou que seu filho fosse realmente o Messias esperado.

Esse ano menos oito (746 do calendário de Roma) não provocou mais sobressaltos ao casal de Nazaré. A vida continuou na sua rotina.

E Maria, que guardava no coração o anúncio de Gabriel sobre a gravidez da sua prima Isabel, foi convencendo o marido para que a deixasse ir à Judeia, ao sul, visitar a sua família. Finalmente, José concordou.

E, em fevereiro do ano seguinte, Maria pode abraçar sua prima. As duas estavam impacientes por se verem e trocar as suas experiências. Zacarias era sacerdote. Isabel estava entroncada num dos grupos mais prósperos do ramo de Maria. Embora estivessem casados há muitos anos, certos problemas haviam frustrado as tentativas do casal para ter filhos.

A aparição de Gabriel a Isabel ocorreu nos últimos dias do mês de junho do ano oito antes da Era Cristã. Maria e José já estavam casados há mais de três meses.

O anjo apareceu a Isabel e disse-lhe:

"Enquanto o teu marido, Zacarias, oficia diante do altar, enquanto o povo reunido reza pela vinda de um salvador, eu, Gabriel, venho anunciar-te que em breve terás um filho que será o precursor do Divino Mestre. Por-lhe-ás o nome de João. Crescerá consagrado ao Senhor, teu Deus, e, quando for grande, alegrará o teu coração, dado que levará almas para Deus. Anunciará a vinda d'Aquele que cura a alma do teu povo e é o libertador espiritual de toda a Humanidade. Maria será a mãe desse menino e também aparecerei a ela".

Isabel falou do anjo com o marido. Mas este, cético, só começou a acreditar quando Isabel apresentou os primeiros sinais de estar grávida. - Considerando a idade avançada de Isabel é lógico que Zacarias não soube o que fazer. Mas, do mesmo modo que José, nunca pôs em dúvida a fidelidade da mulher. Tudo acabaria quando, seis semanas antes de dar à luz, teve um sonho impressionante. Então se convenceu de que aquele filho era também obra divina e que seria na verdade um precursor de Jesus.

João nasceu em Judá, a 25 de março desse ano menos sete antes da nossa Era. A alegria dos pais foi indescritível. E, ao oitavo dia, como mandava a Lei, foi circuncidado. Um sobrinho de Zacarias partiria de imediato para Nazaré, com a notícia do nascimento.

Aquela visita à aldeia de Judá, uns sete quilômetros ao sul de Jerusalém, nos montes, foram muito importantes para ambas. Tanto Isabel como Maria fortaleceram as respectivas convicções ao ouvirem-se uma à outra. Três semanas mais tarde, a futura mãe de Jesus regressava a Nazaré, feliz, e definitivamente convencida. Mas os seus problemas, na realidade, começariam com o nascimento do menino do destino. Pode parecer incrível, mas pouco faltou para que o nascimento de Jesus se desse em Nazaré. Se Maria tivesse sido uma mulher submissa não teria havido a viagem a Belém.

Quando chegou à aldeia a ordem para o recenseamento, José preparou tudo para a viagem até Belém. Mas sozinho. Sem Maria. Maria sabia muito bem que não era preciso ir em pessoa para o recenseamento. José estava autorizado a inscrever toda a família. Essas eram as suas intenções. Mas Maria disse-lhe que não, pois tinha medo de ficar sozinha e, sobretudo, de que nascesse o menino durante a sua ausência. Além disso,

Belém ficava muito perto de Judá e era uma ocasião excelente para visitar Isabel outra vez. E assim o casal enredou-se numa grande discussão. José, mais prudente, tentou convencê-la a ficar em Nazaré. Ele tinha muita razão. A gravidez já estava em fim de tempo e não convinha, naquele estado, meter-se nos caminhos da Palestina.

A concepção de Jesus, segundo os cálculos aproximados da mãe, ocorreu por volta do dia 15 de novembro. A partida dos dois para a aldeia de Belém foi ao amanhecer do dia 18 de agosto do ano menos sete da nossa era (747 do calendário romano). Isto é, tinham passado nove meses. No entanto, tenaz e decidida, Maria conseguiu impor-se e o esposo não teve outro remédio senão ceder. De nada serviram as recomendações nem as proibições.

E, alegres como crianças, juntaram provisões para três ou quatro dias e partiram para Belém. Corria o alvorecer do dia 18 de agosto. O casal tinha uma mula e nela carregaram a bagagem.

A jovem grávida, que ia fazer catorze anos de idade, montou o animal e José, segurando as rédeas, iniciou a pé uma caminhada que se prolongaria por dois dias e algumas horas. O esposo, bom conhecedor dos perigos que ameaçavam os viajantes, escolheu a rota mais curta, ainda que não a mais cômoda: a do Jordão.

No primeiro dia chegaram ao monte Gilboa. Ali, nas margens do rio, acamparam e passaram a noite. O tema constante da conversa era o filho que estava para nascer. José continuava a censurar a loucura de Maria. Ele tinha muita razão. No dia seguinte, de madrugada, retomaram o caminho. Maria encontrava-se perfeitamente. Almoçaram ao pé do monte Sartaba, sobranceiro ao vale do Jordão, e, ao anoitecer, entrou na cidade de Jericó. Não tiveram problema para encontrar uma pousada. Depois do jantar, José, outros peregrinos e Maria conversavam de muitas coisas: da odiosa ocupação romana, de Herodes, do recenseamento e suas nefastas consequências para o povo e até da influência de Jerusalém e Alexandria como centros de estudo e cultura judaicos.

No dia 20 de agosto, também ao alvorecer, enfrentaram a última etapa da viagem. Avistaram Jerusalém perto do meio-dia e, depois de visitarem o Templo, prosseguiram viagem para o sul: para Belém.

Chegaram pouco antes do pôr do Sol. A pousada estava abarrotada e, como a noite avançasse rapidamente, dirigiram-se a casa dos parentes de José. Foi impossível. Todos os quartos estavam também ocupados. Desiludidos e cansados, voltaram ao albergue. Não sabiam o que fazer. Ali informaram que, devido à grande afluência de viajantes, tinham decidido desalojar os estábulos situados no flanco da rocha, mesmo debaixo da pousada.

. Estes estábulos serviam para os animais das caravanas e para armazéns de cereais. José amarrou a mula no pátio e, carregando com os fardos (a roupa, a comida e o resto), ajudou Maria a descer as escadas que conduziam à gruta. Montaram as lonas que lhes serviam de tenda diante de umas manjedouras e se preparam para descansar. Estavam exaustos. Sentiram-se felizes por ter encontrado um lugar tão silencioso e agradável.

Depois de jantar, José comentou que pensava ir imediatamente recensear-se, mas Maria se sentia muito cansada. E, de repente, começaram umas dores muito fortes. José assustou-se e deixou o recenseamento para outra hora.

No início dores fortes, depois se tornaram mais fáceis de suportar. Mas já não conseguiram dormir durante a noite toda. De meia em meia hora, mais ou menos, as dores voltavam. A descrição podia corresponder perfeitamente ao processo natural de dilatação do canal cervical, fechado durante a gravidez. Cada uma daquelas dores pressionaria a parede superior do útero contra o colo uterino, preparando assim o deslizamento do bebé. Maria estava muito assustada. Algumas mulheres ficaram com ela e confortaram-na.

Ao alvorecer Maria começou a sofrer mesmo a sério. As dores tornaram-se mais intensas e frequentes. Pouco antes das doze horas pensou que ia morrer. As dores vinham uma atrás da outra. Ajudaram-na a encurvar as costas e uma mulher pôs-lhe um lenço na boca, ordenando que o mordesse com força. Outras duas agarraram-na nos pulsos e incitavam-na a fazer força. Arquejada, gritava e suava!

Ao lado de Maria, branco como a cal, José tentava animar-se. O pobre estava mais aterrorizado que Maria. Passou as horas a molhar um pano em água fria e a colocá-lo na testa de Maria. Maria não consentiu que se separasse dela. Naquele tempo, entre os judeus, era muito frequente o

pai ser proibido de estar presente no parto. Tinha de esperar no exterior ou noutro lugar até lhe anunciarem o nascimento. Assim se fazia desde tempos imemoriais, mas Maria tinha um sentido muito liberal da interpretação religiosa. Por fim, próximo ao meio-dia apareceu a cabeça. Maria estava no limite das suas poucas forças. E seu filho veio ao mundo exatamente às 11 horas, 43 minutos e 9 segundos do dia 21 de agosto de -7 (747 do calendário Romano).

As mulheres lavaram-no e, depois de o esfregarem com sal (o costume de esfregar o recém-nascido com sal baseava-se na crença de que, assim, a pele adquiria consistência), embrulharam-no nas fraldas e entregaram-no a José (quanto ao fato de o entregarem primeiro ao pai, era um rito de reconhecimento e legitimidade. O normal era o pai, ao receber o

bebê, colocá-lo sobre os joelhos. Se estivesse um avô presente, esse privilégio era-lhe cedido).

A primeira coisa que Maria fez foi examinar o bebê. Era lindo, com uma abundante cabeleira negra e enrugadinho. Era perfeito. E sentiu-se feliz. Ao ser varão, a alegria da família chegava ao máximo.

Israel Foguel

Jesus nascera como qualquer menino. Jesus de Belém nasceu às onze horas, quarenta e três minutos e nove segundos do dia 21 de agosto do ano menos sete, ou 747 do calendário de Roma.

A adoção por parte da Igreja do dia 25 de dezembro como festividade do Natal remonta aos séculos IV ou V da nossa Era. A opinião mais comum e aceita baseia este fato na institucionalização do cristianismo a partir do imperador Constantino, que deu grande impulso à expansão e consolidação pública definitivas da religião dos cristãos.

O significado original de 25 de dezembro é que esse dia era um popular dia festivo de celebração do retorno do sol. Em 21 de dezembro ocorre o solstício de inverno (o mais curto dia do ano e assim um dia chave no calendário) e 25 de dezembro era o primeiro dia no qual os antigos podiam notar claramente que os dias estavam se tornando maiores e que a luz do sol estava retornando.

Assim, por que 25 de dezembro foi escolhido para lembrar o nascimento de Jesus Cristo com uma missa (ou ceia)? Como ninguém sabia ao certo o dia de Seu nascimento, a Igreja Católica se sentiu livre para escolher essa data. A Igreja queria substituir o festival pagão com um dia Santo Cristão. O método se valia do fato de que é mais fácil tirar um festival mundano, mas tradicional, da população quando podemos substituí-lo com um bom festival. De outra forma, a Igreja teria deixado um vácuo onde antes havia uma tradição de longas datas, e se arriscado a produzir descontentamento na população e um rápido retorno à prática pagã. Desta forma comemorasse até hoje o nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro.

Mas voltemos ao nascimento daquela Criança. Não havia naquele lugar nenhum animal (os tradicionais boi e asno) durante o parto. Ninguém estranho foi, além dos seus amigos e parentes, para conhecer o Menino. A única visita que, naturalmente, deixou um bocado confuso o casal de Nazaré foi a dos sacerdotes de Ur, identificados como Magos. Mas isso aconteceu quando Jesus já tinha três semanas de vida.

No dia seguinte ao nascimento de Jesus, o seu pai na Terra cumpriu a sua obrigação recenseando a família, sem muita alegria, pois sabia que os recenseamentos escondiam uma inconfessada intenção por parte de Roma:

ter os seus súbditos controlados, a fim de aumentar os impostos, na medida do possível.

Por mediação de um homem que tinham conhecido durante a sua estada em Jericó, José conseguiu fazer amizade com outro viajante que dispunha de um quarto na pousada de Belém. Este, compreensivo e compadecido, aceitou trocar o seu alojamento pelo da família.

O Menino e Herodes

Dessa forma, até terem um lugar na casa dos parentes de José, o casal e o filho desfrutaram de um lugar mais próprio do que um estábulo. A sua permanência no albergue prolongar-se-ia pelo período de três semanas.

Desde o primeiro momento, Maria preocupou-se em amamentar Jesus. E esta amamentação prolongar-se-ia durante mais de dois anos.

Como também era de supor, Maria apressou-se a avisar a sua prima do feliz acontecimento. No dia 23 desse mesmo mês de agosto enviou-lhe um correio. A resposta de Isabel foi imediata, convidando José a ir ao Templo para dar a notícia a Zacarias. E o entusiasmado pai não tardou a ir a Jerusalém.

No seguimento da visita de José a Zacarias surgiria uma história curiosa e até divertida. De acordo com o que a lei mosaica estabelecia, as mães deviam ir ao Templo depois do parto, a fim de cumprirem o ritual da purificação. No tempo de Cristo, era costume juntar as duas cerimônias numa só. Foi por isso que Maria, José e o Menino foram a Jerusalém, dispostos a cumprirem as normas religiosas estabelecidas.

Alguns dias antes, os pais de Jesus tinham cumprido igualmente o requisito obrigatório da circuncisão do menino. E foi-lhe posto – oficialmente – o nome de Yehosua, que significa Javé salva.

Então, o casal entrou no Templo, fez as compras e o sacrifício obrigatório e, quando iam apresentar o bebé aos sacerdotes aconteceu uma coisa que os deixou perplexos. Um homem e uma mulher levantaram os braços à passagem do cortejo, apontando para o casal que levava Jesus. Então, o homem – um ancião chamado Simeão e habitante da Judéia – entoou um cântico original. Dizia assim:

"Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. Pois visitou-nos e resgatou o seu povo. Levantou o seu cálice para cada um de nós, na casa do seu servo, David. Livra-nos dos nossos inimigos e da mão dos que nos odeiam. Tem misericórdia dos nossos pais e recorda a sua santa aliança: o juramento a Abraão, nosso pai. O que nos permitirá, depois de nos livrar da mão dos nossos inimigos, servi-lo sem medo, com santidade e retidão diante dele todos os dias da nossa vida. Sim, e tu, filho da promessa, serás chamado o profeta do Altíssimo, já que irás diante do Senhor para estabelecer o seu reino, para dar a conhecer a salvação do seu povo, na remissão dos seus pecados. Gozai da misericórdia do nosso Deus, pois a luz do alto nos chega para iluminar aqueles que se encontram nas trevas e na sombra da morte. Para conduzir os nossos passos pelo caminho da paz. E agora, deixa o teu servo partir em paz, Senhor, segundo a tua palavra. Os meus olhos viram a tua salvação, que colocaste diante de todos os povos. Uma luz para iluminar até os gentios e a glória do teu povo, Israel".

Tal situação, como é natural, perturbou Maria e desconcertou José.

De regresso a Belém, ambos concordaram que aquilo tinha sido tão exagerado quanto prematuro. E interrogavam-se como fora possível o ancião ter adivinhado que o filho deles era o Messias.

Algum tempo depois saberiam a verdade. Isabel contá-la-ia à prima, mostrando-lhe até o texto do cântico que o seu marido, o sacerdote, tinha guardado.

Zacarias era um velho conhecido de Simeão e da mulher que também levantara os braços à passagem de Jesus. Chamava-se Ana. Era da Galileia e gostava de poesia. Ambos, Ana e Simeão, iam assiduamente ao Templo. Faziam companhia um ao outro e, com o tempo, tinham feito uma boa amizade com Zacarias.

A verdade é que este – que ardia em desejos de revelar o seu segredo sobre João e Jesus – acabou por contar tudo ao ancião e à poetisa. O esposo de Isabel sabia antecipadamente em que dia iriam José e Maria ao Templo. E pôs-se de acordo com Ana e Simeão para que, à passagem do menino, levantassem os braços em sinal de saudação e reconhecimento.

O casal de Judá e o de Nazaré estavam convencidos – tanto naquele momento como durante muitos anos – que Jesus seria o libertador político dos judeus, e João, o seu braço direito e chefe dos ajudantes.

Quanto à visita dos magos, tudo começou com a aparição na cidade caldeia de Ur de um misterioso educador religioso que, ao que parece, informou uns sacerdotes-astrólogos daquela cidade de um sonho que tivera e no qual lhe fora anunciado que a luz da vida estava prestes a aparecer no mundo, sob a forma de menino e entre os judeus.

Os sacerdotes puseram-se a caminho e, depois de várias semanas de pesquisas em vão por toda a cidade de Jerusalém, quando já estavam para desistir e regressar à sua pátria, encontraram no Templo Zacarias. Este lhes disse que, de fato, o Messias nascera em Belém. Indicou-lhes o lugar onde se encontravam naquele momento e foram prontamente com os seus presentes. Depois partiram e não apareceram mais.

A visita dos caldeus não passou despercebida ao rei Herodes. Os seus espiões e confidentes estavam em toda a parte. E mandou-os chamar. Os sacerdotes de Ur já tinham estado com José e Maria e, de fato, confirmaram ao idumeu o nascimento do rei dos judeus.

A notícia abalou o medroso e já decrépito Herodes, o Grande. Mas os Magos – possivelmente por desconhecimento não lhe souberam dar muitas referências. Apenas que o menino nascera de uma família que acabava de chegar a Belém para o recenseamento. O rei, astuto, despediu-os com uma boa bolsa de dinheiro, pedindo-lhes que o procurassem, para que ele também o pudesse conhecer e adorar, dado que, como disse, ele também estava convencido de que o seu reino era espiritual e não temporal ou transitório. Mas os três sacerdotes não voltaram.

Então Herodes, desconfiado, continuou a matutar naquele incômodo assunto do outro rei. Sabia que era um usurpador e que arrebatara o trono ao rei legítimo. Enquanto refletia sobre estas coisas chegaram novas notícias. Os seus agentes trouxeram-lhe informações do que acontecera no Templo durante a apresentação do menino. Até lhe deram parte do cântico entoado por Simeão. Herodes explodiu, qualificando os seus espiões de inúteis, por não terem localizado os pais do recém-nascido. E destacou novos agentes, encarregues da missão específica de localizar a família de Nazaré.

Desta vez, Zacarias agiu providencialmente. Ao tomar conhecimento das manobras do rei avisou José e ele próprio, temendo pelo seu filho João, saiu de Jerusalém, permanecendo junto de Isabel e longe de Belém. Perante a grave ameaça de Herodes, Maria e José ocultaram o bebê em casa dos parentes que tinham em Belém. A situação foi angustiante. Seus recursos esgotavam-se rapidamente e vendo o perigo que corriam, José duvidava se devia procurar trabalho e ficar naquele sítio.

Um ano depois, desesperado pelas buscas infrutíferas e suspeitando que o menino continuasse oculto em Belém, Herodes ordenou o registro imediato e sistemático de todas as casas e a passagem à espada de todos os meninos varões, com menos de dois anos, que conseguissem encontrar.

Por sorte, entre os que rodeavam Herodes havia alguns que acreditavam na vinda do verdadeiro libertador de Israel. Um deles conseguiu avisar Zacarias. Este avisou José, e, nessa mesma noite, o casal saiu de Belém apressados. Em total solidão e com os recursos proporcionados por Zacarias, a família dirigiu-se para o Egito, para a populosa cidade de Alexandria, onde José tinha familiar.

A matança atingiu dezesseis meninos. Era o mês de outubro do ano seis antes da Era Cristã. Jesus tinha então catorze meses de idade. Zacarias, primo de Maria, avisou a José que devia fugir de Belém. E José assim o fez. José, Maria e Jesus seguiram para a Alexandria.

A chegada em Alexandria

Aquela seria uma etapa tranquila na vida da família. A estada na populosa e arrogante Alexandria prolongar-se-ia por dois anos.

Concretamente, até agosto do ano menos quatro. Maria guardava uma afetuosa recordação dos hospitaleiros hebreus que os acolheram desde o primeiro momento: uns abastados parentes de José.

O carpinteiro de Nazaré não tardaria a encontrar trabalho e, alguns meses mais tarde, a sorte voltaria a sorrir-lhes: José seria contratado como contramestre de um grande grupo de operários, dirigindo a construção de um edifício público. Este emprego proporcionar-lhe-ia a suficiente experiência

para – no seu regresso à Galileia – se aventurar na profissão de empreiteiro de obras. Na época, o casal esteve quase a ceder às pretensões e pedidos dos seus familiares e amigos de Alexandria, instalando-se no Egito em definitivo, pois precisavam iniciar uma nova vida e aquela boa gente fez o impossível para que ficassem por lá. De certo modo tinham razão: Jesus poderia ter exercido uma maior influência a partir de Alexandria do que numa remota aldeia da Galileia.

O segredo do casal era difícil de guardar. De início só o souberam os parentes mais próximos de José. Simplesmente sabiam que Jesus era o filho da Promessa. Durante muito tempo, no seio da família de Nazaré, esta seria a forma secreta de designar o Primogênito.

Como era de se esperar, um daqueles parentes acabaria por revelar o segredo a outros amigos de Mênfis e, como bons crentes, apressaram-se a visitá-los, procurando, como dizia encontrar a maneira de lhes convencer a ficar definitivamente.

Lá Jesus receberia uma educação mais esmerada. Fizeram muitos planos. Todos eles, tal como os pais, acreditavam na vinda do Messias libertador. O seu amor e generosidade foram ao ponto de oferecer a Jesus um exemplar da tradução grega dos textos sagrados da Lei. Aquele livro viria a desempenhar um importante papel na educação futura do jovem Jesus.

José e Maria hesitaram. Mas, de mútuo acordo, declinaram o convite e decidiram regressar à sua terra. Estas pressões de familiares e amigos atrasariam, no entanto, o regresso à Judeia.

Durante aqueles meses, Maria manteria contínuas discussões com José, por causa da segurança de Jesus. A sua estada em Belém e os dissabores e angústias da fuga para o Egito fizeram com que Maria o amamentasse até quase aos dois anos. Só depois de instalados em Alexandria mudaria a sua alimentação. Esta prolongada lactação materna, longe de prejudicar a criança, beneficiou-o. Inconscientemente ao dar o peito a Jesus durante tantos meses, Maria proporcionou ao filho uma excelente reserva defensiva, conjurando ou protelando assim, os inevitáveis riscos de uma alimentação baseada exclusivamente no leite de vaca, cabra ou ovelha, que era então o normal.

Naquele tempo, o índice de mortalidade infantil era aterrador (em muitos casos, superior a cinquenta por cento). Lamentavelmente, uma parte

dessa mortandade tinha as suas raízes nas extensas colônias de germes que infestavam esses animais produtores de leite – sobretudo cabras e ovelhas -, de primordial importância na economia daqueles povos. O leite era consumido frio ou quente, mas nunca era fervido.

O segundo problema, a obsessão de Maria pela integridade física de Jesus, levá-la-ia àquilo que hoje definimos como um estado de stress.

Na casa onde estavam alojados havia duas crianças, e outras quatro ou cinco na vizinhança, da mesma idade de Jesus. Maria não era capaz de vê-lo a brincar com elas. Nem sequer no jardim interior. Tremia diante da possibilidade de que se magoasse.

José e Maria discutiram muitas vezes por causa disto. Ele desejava que a criança crescesse num ambiente normal, sem todos aqueles cuidados que chegaram a ser doentios. Os sensatos conselhos de José e do resto da família convencê-la-iam por fim a abandonar semelhante atitude, que poderia ter deformado o caráter ou a personalidade de Jesus Menino.

E a criança pôde assim mover-se e brincar livremente, embora sempre sob o olhar vigilante de sua mãe, como é normal.

O regresso a Nazaré

No entanto, aquele temor acompanhá-la-ia durante toda a infância do filho da Promessa. E em agosto do mencionado ano quatro antes da nossa era, quando Jesus completou o seu terceiro aniversário, a família partiu de Alexandria, embarcando num dos navios do seu amigo Azraéon, rumo ao norte: ao porto de Jopé (Jaffa), a cerca de trezentas milhas. Ali passariam os últimos dias do referido mês de agosto.

Aquela foi a primeira viagem de Jesus por mar. Uma experiência inolvidável. Era incansável. Corria, saltava e brincava, contemplando o mar, deslumbrado. As contínuas perguntas que fazia começavam a ser embaraçosas para todos.

A partir de Jopé, dirigir-se-iam de imediato para Belém, via Lida e Emaús. Ali permaneceriam todo o mês de setembro, resolvendo outro assunto de importância vital: deveriam estabelecer-se na cidade de David ou, como sugeria José, regressar ao Norte e instalar-se em Nazaré? Queriam regressar e regressaram, pura e simplesmente. A resolução do dilema:

Belém ou Nazaré? Maria era de opinião que o filho deveria ser educado na antiga aldeia de David. Ao longo da vida de Jesus, Maria concebeu a missão do seu primogênito como a de um libertador político, chamado a ocupar o trono do rei David. O ansiado Messias era um símbolo, uma esperança, que derrotaria o invasor e elevaria a nação judaica acima das restantes nações.

José, por seu turno, com um mais agudo sentido prático não via com bons olhos o acesso ao poder de Arquelau, um dos filhos do sanguinário Herodes o Grande, falecido nesse mesmo ano menos quatro. O caráter igualmente violento do novo tetrarca da Judeia não lhe inspirava confiança. O prudente e intuitivo empreiteiro de Nazaré – que não estava muito certo da missão messiânica do seu filho – suspeitava que maus ventos não tardassem a cair sobre a Judeia. O tempo viria a dar-lhe razão.

Foram necessárias três semanas para vencer a tenaz resistência de Maria, empenhada em fixar residência em Belém. Passados apenas cinco meses desde a tomada de posse de Arquelau, já a Judeia estava a ferro e fogo, ameaçando o resto do país de morte e destruição. O novo governante só traria consigo a desgraça e o luto. Estas foram às razões para justificar a decisão de José de ir para Nazaré. A permanência da família em Alexandria, até agosto, seria, oportuníssima. No caso de ter regressado meses antes, as revoltas na Galileia e na Judeia teriam constituído uma ameaça constante para a sua segurança.

Nos primeiros dias de outubro desse ano quatro antes da nossa era, José, Maria e o Menino Jesus empreenderiam por fim a viagem de regresso a Nazaré. Maria e o Menino montando o burro adquirido pelo empreiteiro José. Este, a pé, na companhia de cinco parentes que não consentiram que viajassem sozinhos. Desta vez, o itinerário foi pelo interior: de Belém a Lida e, dali, a Citópolis e Nazaré, pela planície de Esdrelão. Na caminhada, que se prolongaria por quatro jornadas, José disse a sua esposa que julgava aconselhável não espalhar entre os seus familiares e amigos a notícia de que eram os pais do filho da Promessa. Maria concordou.

Ao chegar, a casa de Maria e José estava ocupada, desde há três anos, por um dos irmãos de José. A culpa foi do casal. A saída do Egito foi tão bem escondida que toda a gente em Nazaré os julgava ainda em Alexandria.

Seu cunhado, logicamente contrariado, resistiu. Foi uma situação delicada e desagradável. Até que na manhã seguinte ele se mudou e, finalmente, puderam gozar de alguma paz em seu pequeno lar... Jesus tinha então três anos e dois meses de idade.

Segundo a sua mãe, Jesus era um rapagão saudável, forte... e lindo. Tinha resistido bem às contínuas mudanças de residência e às viagens, enchendo a humilde casa de Nazaré com alegria transbordante. A única sombra de tristeza no coração de Jesus deveu-se à natural saudade dos amigos de Alexandria. Mas muito em breve encontraria novos companheiros de brincadeira. Um deles, chamado Tiago, um excelente rapaz, que chegaria a ser seu discípulo.

Aquele quarto ano da vida de Jesus correu assim sem contratempos. Ele crescia forte e são com um apetite devorador e fazendo mil e umas perguntas sobre o que o rodeava.

A chegada de Tiago

Com toda certeza, o acontecimento mais marcante para o jovem casal (Maria devia ter então uns dezessete anos) e naturalmente para Jesus, foi o nascimento, na madrugada de dois de abril daquele ano três antes da nossa era, do segundo filho.

Também foi varão e obviamente, encheu José de alegria. Foi-lhe posto o nome de Tiago e, ao oitavo dia, como a Lei determinava, foi colocado nas mãos do mohel do povo: o perito na delicada operação da circuncisão.

Jesus, com a chegada do irmão, ficou feliz! Passava horas a contemplá-lo. Ria às gargalhadas quando o via chupar o dedo...

As coisas, pouco a pouco, começavam a compor-se. Em meados desse Verão, José conseguiu finalmente concretizar um dos seus sonhos: montar uma oficina num ponto estratégico da povoação, perto da fonte pública e da pousada. Associou-se com dois dos seus irmãos e os negócios prosperaram. Conseguiram reunir um grupo de operários, que enviavam a trabalhar nas aldeias e cidades circunvizinhas, fundamentalmente na construção de edifícios.

Paulatinamente, a sua especialidade de entalhador e marceneiro foi ficando para segundo plano e, embora passasse muitas horas na oficina,

ocupado na construção de carretas, cangas e outros utensílios de madeira, o seu principal entusiasmo e objetivo era a contratação de obras. Por aquele tempo alternaria também a madeira com o trabalho sobre couro, lona e fabrico de cordas.

Jesus passava muitas horas na oficina do pai, observando José e ouvindo de boca aberta as discussões, conversas e relatos dos guias de caravanas e dos viajantes que solicitavam os serviços de José. Desta forma nasceria em Jesus um vivo interesse pelos costumes de outros povos distantes. Este contato com estrangeiros dos quatro pontos cardiais seria altamente proveitoso para o vivo e sempre atento jovem de Nazaré.

Em julho desse ano, no entanto, as visitas de Jesus à oficina familiar ver-se-iam bruscamente interrompidas. Uns viajantes, portadores de algum tipo de infecção parasitária, espalharam-na na humilde povoação, provocando uma epidemia intestinal de graves consequências. Maria, com apurado sentido da prudência e assustada perante as dimensões que o mal começava a adquirir, optou por preparar a bagagem e fugir, levando consigo os seus dois filhos.

José, apesar das súplicas de Maria, não saiu de Nazaré.

Maria, Jesus e Tiago partiram nessa mesma noite para a granja de um de seus irmãos, ao sul de Nazaré, na estrada de Megido, muito perto de Sarid. Ali se refugiaram durante dois meses. Nenhum dos pequenos se contagiou. Aquela foi uma extraordinária experiência para Jesus. Divertiu-se muito com os animais, sobretudo com os gansos... Não era difícil imaginar a irrequieta e ativíssima criança, correndo atrás das aves domésticas no quintal ou dando de comer aos animais.

Uma delas, já velha e trôpega, fez especial amizade com Jesus. A despedida foi um drama... Jesus queria levá-la para Nazaré. No fim Maria teve até de repreendê-lo. O caminho de regresso a casa foi um mar de lágrimas. A Divina Providência salvaguardara uma vez mais o Filho da Promessa!

A chegada de Miriam

Entretanto, Maria deu à luz o seu terceiro filho – neste caso uma menina – na noite de 11 de julho desse ano menos dois. Recebeu o nome de

Miriam (Maria), tal como sua mãe. Foi o melhor presente de aniversário para Jesus, que completaria cinco anos no dia 21 de agosto.

Na noite seguinte, o curioso Jesus faria pela primeira vez perguntas sobre o mistério da vida e do nascimento dos seres vivos. Tudo o interessava. Tudo o surpreendia. A sua curiosidade era insaciável e os pais chegaram a ter verdadeiros problemas para responder. Por vezes, viam-se na necessidade de esperar um ou dois dias até que, à sua maneira e nem sempre com acerto, procuravam satisfazer as dúvidas do primogênito.

Após o parto de Miriam, Maria deve ter sofrido algum transtorno passageiro e de pouca importância porquanto para aumentar o fluxo de leite friccionaram-lhe as costas com uma espinha de peixe embebida em azeite.

E com o seu quinto aniversário chegaria também uma mudança obrigatória na vida do pequeno e feliz Jesus de Nazaré.

A mãe do Mestre não era uma exceção. Como qualquer ser humano também ela guardava em suas memórias pequenas e grandes recordações da infância dos seus filhos.

Um desses aparentemente vulgares pormenores era constituído pelo berço de madeira que Jesus nunca teve. Ao que parece, José encontrava-se tão ocupado na oficina e nos negócios que – como acontece com frequência em muitos lares – não conseguiu arranjar tempo para satisfazer tão básica necessidade. Já se sabe: Em casa de ferreiro...

Mas Maria, que quase sempre levava a sua ideia avante, fez-lhe prometer que o berço apareceria em casa antes do nascimento do terceiro filho. E assim foi. Miriam teve, pois, o seu berço.

Completando cinco anos

E chegou o dia. Em 21 de agosto daquele ano dois (antes da nossa era), ao completar cinco anos, e de acordo com os costumes vigentes, Jesus passou a depender do seu pai terreno em tudo o que se referia à educação moral e religiosa.

Até àquela altura, os varões permaneciam sob a tutela da mãe. As meninas, pelo contrário, continuavam a depender dela até aos doze anos e meio. Com a primeira menstruação, o normal é que fossem desposadas,

passando assim para tutela do marido. A sociedade judaica de então centrava todo o seu interesse nos varões. As mulheres não contavam.

Nesse dia, Maria confiou o seu primogênito a José. A partir dessa data, o pai tinha a obrigação de lhe ensinar um ofício – geralmente o seu – e de lhe dar educação. Principalmente, uma sólida formação religiosa. Se bem que a escola pública fosse insubstituível na educação dos rapazes, a Lei especificava como é que os pais deviam instruir os seus filhos nos mandamentos, nos gloriosos feitos protagonizados pelo seu povo, no sentido das festas e de toda a liturgia e, por fim, num profundo respeito para com Deus.

Apesar desta inevitável mudança, Maria, como era natural, não perdeu de vista o primogênito, colaborando com José em tudo o que se referia à formação humana e familiar de Jesus. O forte temperamento de Maria – mais ousada que o seu marido – não lhe teria permitido ficar à margem. Pela mão de sua mãe, Jesus aprendeu a conhecer e cuidar dos vinhedos e das flores e trepadeiras que enchiam o pequeno jardim e as paredes da casa de Nazaré.

Foi uma época tranquila e maravilhosa Maria arrumou o terraço da casa como local de brincadeiras para seus filhos. José fez umas caixas de madeira, que Maria encheu de areia. Ali, Jesus primeiro e Tiago depois, começaram a garatujar as suas primeiras letras. Encantavam-se a fazer mapas e a brincar de guerras...

Jesus conhecia o grego. Falava-o perfeitamente. José era um homem inquieto, consciente da importância dos vários idiomas.

Quando o Menino começou a exprimir-se em sua língua natal, o aramaico empenhou-se em que aprendesse também o grego. Se tivesse de continuar o ofício de seu pai, viajando daqui para ali, era fundamental que soubesse defender-se na língua dos comerciantes. O texto que lhe ofereceram em Alexandria foi de grande importância na sua aprendizagem.

Jesus era vivo e inteligente como ninguém e começou a ler a tradução da Lei que lhes ofereceram. Em toda a Nazaré só havia então dois exemplares em grego das Escrituras. Uma delas encontrava-se na casa de José. Esta circunstância contribuiria também para fomentar uma série de visitas à casa da família que, indiretamente, enriqueceriam o primogênito pelos contatos que proporcionavam. Por ali passaria uns cem números de